

FOTOGRAFIA COMO LINGUAGEM RELIGIOSA NO MOVIMENTO HARE KRISHNA VRINDA

Angelica Tostes Thomaz (IC) e Suzana Ramos Coutinho (Orientadora)
Apoio: PIBIC Mackenzie

Resumo:

O objetivo deste artigo é discutir os possíveis usos da fotografia como linguagem religiosa no Movimento Hare Krishna Vrinda. Introduziremos o Movimento Hare Krishna Vrinda e seu contexto no mercado religioso brasileiro. Apresentaremos uma breve contextualização sobre o poder da imagem e suas ligações com a religião, a função da imagem na linguagem e, por fim, a imagem técnica (fotografia) e suas aplicações para o Movimento Hare Krishna Vrinda. Como aporte teórico, utilizaremos as categorias de Vilém Flusser sobre a filosofia da imagem/fotografia e Peter Burke para discutir os desdobramentos históricos e religiosos da fotografia.

Palavras-Chave: Fotografia; Movimento Hare Krishna; Linguagem.

Abstract:

This paper aims to discuss the possible ways of using photography as a religious language in the Hare Krishna Vrinda Movement. It will be introduced the Hare Krishna Vrinda Movement and its context inside the Brazilian religious market. It will be presented a brief context about the power of image and its connection with religion, the purpose of image in languages and, also, the technical image (photography) and its application on the Hare Krishna Vrinda Movement. As theory support, it will be used the Vilém Flusser categories about philosophy of image and photography and Peter Burke in order to discuss the historical and religious deployment of photography.

Keywords: Photography; Hare Krishna Movement; Language

1. INTRODUÇÃO

Essa pesquisa tem como objetivo apontar de que forma a fotografia é um novo meio de linguagem religiosa no Movimento Hare Krishna Vrinda. Visa também investigar seu objetivo como nova linguagem nas mídias sociais. É importantíssimo entender como os novos movimentos religiosos interagem com as mídias sociais e qual é o papel da imagem no século XXI.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Peter Berger e sua teoria sobre Novos Mercados Religiosos é a base para essa pesquisa. Em *O Dossel sagrado: Elementos para uma teoria sociológica da religião* (1985) é tratado sobre a temática da religião como um grande mercado de bens simbólicos e significação. O Movimento Hare Krishna Vrinda consta nessa disputa do Mercado Religioso.

O filósofo Vilém Flusser com o seu livro chamado *Filosofia da Caixa Preta* (2011), no qual aborda o surgimento da imagem, suas diferenciações, a imagem técnica e suas funções e o homem e o aparelho. É o suporte filosófico para uma análise mais consistente da fotografia como linguagem religiosa.

3. MÉTODO

Esse trabalho foi desenvolvido através trabalho de campo e pesquisa etnográfica, observação em rituais e ritos de passagem e análise de programas, folhetos, divulgação redes sociais e eventos promovidos pelo Templo Vrinda Aclimação. E também conta com a pesquisa bibliográfica interdisciplinar nas temáticas de história da arte, religião e fotografia.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Sociedade Internacional para a Consciência Krishna

Para compreender melhor o Movimento Hare Krishna Vrinda é importante retomar a história do Movimento antes da cisma. A ISKCON (Sociedade Internacional para a Consciência Krishna) fundada em 1966 em Nova Iorque é a responsável pela construção e difusão dessa religião no mundo (ADAMI, 2009, p.1). Nos anos 70 ocorre a fundação da Bhaktivedanta Book Trust (BBT) principal editora utilizada na divulgação da religião e a fonte de renda do movimento.

Os princípios que regem a ISKCON estão no livro sagrado *Bhagavad-Gita* e no livro *Srimad Bhagavatam*, que conta a história da infância de Krishna e seus passatempos preferidos. E é um guia para os devotos adorarem Krishna da maneira que ele o instruiu.

Tendo como referencial a literatura védica (livros sagrados indianos), Srila Prabhupada define princípios para todos os devotos de Krishna, os quatro essenciais são:

- Não comer carne, peixes, aves ou ovos
- Não se intoxicar
- Não praticar sexo ilícito (fora do casamento)
- Não praticar jogos de azar

Srila Prabhupada divulgou por toda Nova Iorque o mantra: “Hare Krishna Hare Krishna, Krishna Krishna, Hare Hare, Hare Rama Hare Rama, Rama Rama, Hare Hare”. É tido como o principal mantra da religião, pois, para eles, cantar os nomes de Deus é um ato sublime. “Os mantras são particularmente importantes no Hinduísmo. Os mantras acompanham os rituais da vida diária; um hindu vive e morre cercado de mantras, desde o ventre da mãe até a pira funeral. Manuais de mantras são publicados por toda a Índia” (SMITH, 2001, p 263).

4.2 Sociedade Internacional para a Consciência Krishna no Brasil

Em 1974 a ISKCON inicia suas atividades no Brasil. Jovens, que tiveram contato com o Movimento Hare Krishna por livros ou vindos dos EUA, que buscavam por um novo ideal e sentido de vida alugaram em São Paulo uma casa para que fosse iniciada práticas de Bhakti-Yoga. (COBRA, 2007, p.16)

Silas Guerriero (2001) em seu artigo sobre O Movimento Hare Krishna no Brasil distingue o movimento em três períodos: 1) 1974-1977, o início do movimento no Brasil, caracterizado por algumas poucas pessoas que traziam dos Estados Unidos e Europa artigos e livros de Prabhupada, começando assim pequenas comunidades religiosas, gerando estranhamento quando era feito seu proselitismo; 2) após 1977 foram construídos vários templos nas capitais e grandes cidades. Período de investimentos em marketing, institucionalização e crescimento para a religião. Forte crescimento editorial da BBT Brasil e de grande expansão, pois as pessoas estavam abertas para ouvir os devotos; 3) Nos anos 90 acontece a consolidação do Movimento Hare Krishna no Brasil, passando a ser um novo “produto” no mercado religioso brasileiro. Perde seu caráter revolucionário e passa a assumir um papel mais de “igreja” do que o templo que outrora era. Grande rotatividade de membros e o Movimento Hare Krishna perde o seu vigor.

Guerriero analisa o perfil dos novos devotos brasileiros nesse período de institucionalização da religião no Brasil:

Eram justamente aquelas pessoas (jovens de vinte a trinta anos) que estavam em busca de algo diferente, de uma experiência nova e plena de significados, além de não estarem ainda definidos em termos profissionais e familiares. Sem possibilidades de participação política, cansados da experiência das drogas e do psicodelismo, o Movimento Hare Krishna se encaixava

perfeitamente naquilo que procuravam e queriam ouvir (GUERRIERO, 1989:90).

Após a morte de Prabhupada houve cismas da religião, no Brasil e no mundo. Alguns movimentos se separaram da grande ISKCON, porém, com o mesmo foco: propagar a consciência de Krishna pelo mundo, como por exemplo, a IRM (ISKCON Revival Movement), organização que se apresenta como vinda direta de Prabhupada. Em 1984 houve outro cisma, formando assim a Missão Vrinda.

4.3 Missão Vrinda

Há um conhecimento restrito das instituições do Movimento Hare Krishna. Muitos pensam que apenas a ISKCON existe no Brasil. No entanto, há diversas missões e instituições com a prática Bhakti-Yoga. Dentre as muitas instituições presentes no Brasil está a Missão Vrinda. “A VRINDA – uma organização liderada por um dos discípulos mais antigos de Prabhupada. Possui uma abrangência significativa nos países da América do Sul.” (ADAMI, 2009,1). Esta possui os mesmos princípios e práticas da ISKCON, como foi explanado no capítulo 2, entretanto há alguns pontos que as diferenciam.

A Missão Vrinda foi fundada há 30 anos atrás pelo para B.A. Paramadvaiti Swami, discípulo direto de Srila Prabhupada. VRINDA tem mais de 100 centros espalhados pelo mundo, mais de 20 fazendas ecológicas e muitos programas para propagar a filosofia védica e prática da Bhakti-Yoga.

A VRINDA segue os preceitos da Bhakti-yoga e os ensinamentos de Srila Prabhupada, a quem eles reverenciam. É considerada, entre os devotos, mais avivada do que a ISKCON, que possui um caráter mais tradicional. Pode-se fazer uma comparação da mesma forma que um cristão enxerga as igrejas protestantes tradicionais e as pentecostais.

O símbolo da Missão Vrinda é uma planta chamada Tulasi e há uma razão para isso. Na mitologia do Movimento Hare Krishna Vrinda, Vrinda Desi é uma devota muito pura em forma de planta, a tulasi. E essa planta ajudaria a todos os devotos sinceros de Krishna a permanecerem nos princípios da Bhakti-Yoga e abençoando toda a sua casa. É possível receber sementes de tulasi gratuitamente em todos os centros Vrinda.

No Brasil a Missão Vrinda tem suas primeiras tentativas de se estabelecer há 20 anos atrás, porém, se consolidou efetivamente há 12 anos, segundo o Guru Maharaj Mangala. Hoje consta com mais de 5 templos e fazendas ecológicas em todo Brasil (São Paulo, Guarujá, Mairiporã, Florianópolis, Minas Gerais e Belém).

O próximo tópico a ser analisado é a relação entre a religião e a imagem e como o Movimento Hare Krishna Vrinda se porta perante essa relação.

4.4 A religião e a imagem

É impossível estudar a História da Arte sem esbarrar no assunto religião. O sobrenatural sempre esteve presente na História da humanidade. As ditas pinturas rupestres sempre estiveram relacionadas com a magia e ritos. A arte “serviu aos propósitos das religiões organizadas – difíceis de se distinguirem do poder secular -, como decoração em templos, retratando os deuses e recontando os mitos religiosos por meio de imagens” (FARTHING, 2011, p. 8).

O filósofo Vilém Flusser classifica a imagem entre: “imagem tradicional” e “imagem técnica”. As imagens tradicionais são aquelas, que segundo Flusser, são mais fáceis de símbolos. “Há um agente humano (pintor, desenhista) que se coloca entre elas e seu significado. Esse agente humano elabora símbolos “em sua cabeça”, transfere-os para a mão munida de pincel, e de lá, para a superfície da imagem” (2005, p. 31) Para o fotógrafo pesquisador Bruno Candiottto: “Historicamente, as imagens tradicionais são pré-históricas; as técnicas são pós-históricas.” (2014, p.50)

Como primeiras imagens tradicionais produzidas por um agente humano pode-se destacar as pinturas da caverna de Lascaux, localizada na Dordogne, região sudoeste da França, a gruta que é “famosa pela grande quantidade e diversidade de pinturas rupestres localizadas em seu interior, as quais têm idade superior a 17.000 anos” (MANZATO, 2007). Segundo Karen Armstrong, para muitos historiadores Lascaux era um lugar sagrado e possivelmente eram realizados ritos de passagem em seu interior (2011, p.25). “Se os historiadores estão certos sobre a função das cavernas de Lascaux, religião e arte já surgiram inseparáveis.” (ARMSTRONG, 2011, p.26)

Assim como a arte, a religião constitui uma tentativa de dar sentido à vida em face do sofrimento e da injustiça. Estamos sempre em busca de sentido e por isso nos desesperamos facilmente. Criamos religiões e obras de arte para ajudar-nos a encontrar algum valor em nossas vidas, apesar de todas as desanimadoras evidências em contrário (ARMSTRONG, 2011, p. 26).

As religiões surgiram para explicar o mundo. E as imagens surgiram para explicar as religiões. “Em muitas religiões, imagens desempenham um papel crucial na experiência do sagrado” (BURKE, 2004, p. 57). “A arte emergiu em tempos antigos do mito, da magia e da religião, e desde então ela mantém seu poder arrebatador por meio de sua aura sagrada. Como objetos de culto de adoração, as obras de arte tecem uma extasiante magia sobre nós.” (SHUSTERMAN, 2012, p.82).

A arte, muitas vezes, esteve a serviço da religião. Basta lembrar das antigas esculturas de deuses e deusas, da arte hindu, arte bizantina, arte japonesa, arte indígena etc. A arte ilustra a religiosidade. Há uma necessidade natural de transmitir a religião em pinturas, esculturas, totens. “Imagens significam muito mais do que um simples meio de disseminação

do conhecimento religioso. Eram, por si mesmas, agentes, a quem eram atribuídos milagres, e também objetos de culto. “ (BURKE, 2004, p.58).

“A arte é indissoluvelmente ligada com a cultura. Mas a cultura, construída no amplo sentido antropológico, é indissociavelmente ligada à religião. ” (SHUSTERMAN, 2012, p.90). Logo, pode-se dizer que a Arte é, igualmente, indissociável à Religião.

4.5 A imagem técnica: A fotografia

Para a compreensão sobre o que é a imagem técnica será usado as categorias de Vilém Flusser, que considera que toda imagem produzida por aparelhos é imagem técnica. “Aparelhos são produtos da técnica que, por sua vez, é texto científico aplicado” (2005, p.29). O vídeo, filme, televisão, fotografia... tudo o que for produto da técnica.

Qual é o diferencial da imagem fotográfica e da televisão? “A televisão é um fluxo de imagens pouco selecionadas, em que cada imagem cancela a precedente. Cada foto é um momento privilegiado, convertido em um objeto diminuto que as pessoas podem guardar e olhar outras vezes” (SONTAG, 2003, p. 28). A imagem fotográfica permanece, talvez hoje, na era digital, não mais fisicamente, impressa, mas nas novas tecnologias que surgem.

“Historicamente, as imagens tradicionais precedem os textos, por milhares de anos, e as imagens técnicas sucedem aos textos altamente evoluídos. ” (FLUSSER, 2005, p.29). Para Flusser as imagens técnicas tendem a eliminar os textos. “Os textos foram inventados, no segundo milênio a.C., a fim de desmágicizarem as imagens [...]. As fotografias foram inventadas, no século XIX, a fim de remágicizarem os textos. ” (2005, p.33).

“A fotografia é uma linguagem de imagem, a única linguagem que pode ser entendida em qualquer parte do mundo. Isso a torna preciosa e única. ” (FEININGER, 1993, p.1). E a fotografia deve ser a linguagem que transmite, ao mesmo tempo, “conhecimento (verdade), vivência (beleza) e modelo de comportamento (bondade). ” (FLUSSER, 2005, p. 35).

A foto é um acontecimento, um lugar de passagem pelo qual passamos, retemos, mas que nos escapa em imediatez. É uma percepção do espaço- tempo. Um espaço-tempo de singularidades, margem singular de busca entre o perceber e o percebido. Assíntota técnico-existencial dos signos que emergem, nascem e crescem no tempo. (FILHO, 2002, p.8)

A imagem técnica é a linguagem do século XXI. Por todos os lados somos bombardeados de imagens. E qual será o poder que a imagem exerce sobre os espectadores?

4.6 O poder da imagem

O poder que a imagem tem sobre o ser humano é peculiar. Como já foi mencionado, a imagem pode trazer à tona uma gama de sentimentos e sensações. Há um poder hipnótico nas imagens, sejam elas religiosas ou não. Para isso basta observar o fenômeno do museu: pessoas absortas em imagens tentando decifrá-las a todo custo.

Wolff destaca três graus do poder da imagem: 1) aquele (aquilo) que está, no presente, longe se faz presente através de uma imagem, gerando saudades; 2) aquele (aquilo) que está substancialmente ausente (passado, morte) se faz presente através da imagem, gerando nostalgia; 3) aquele (aquilo) que está absolutamente ausente, ou seja, aquilo jamais poderia estar presente se torna imanente através de alguma representação imagética, como deuses e santos (2005, p. 30-31).

Nas religiões é possível experimentar os três graus do poder da imagem. No Movimento Hare Krishna Vrinda, por exemplo, esses três níveis estão representados em fotografias e imagens no altar/santuário. No primeiro grau estão as fotografias dos gurus que fundaram a Missão Vrinda, que por conta dos diversos templos pelo mundo só veem ao Brasil uma vez por ano. No segundo grau estão as fotografias dos gurus antigos e do fundador do Movimento Hare Krishna (ISCKON), Srila Prabhupada, falecido em 1977. No terceiro e último grau de poder proposto por Wolff estão as imagens (pinturas e esculturas) das deidades: Krishna, Radha, Senhor Jagannatha, Baladeva, Subhadra entre muitas outras manifestações de Krishna.



Figura 1 Adoração no Altar



Figura 2 Altar do Movimento Hare Krishna Vrinda - Templo Aclimação

Para Susan Sontag as “fotos objetificam: transformam um fato ou uma pessoa em algo que se pode possuir.” (2003, p. 69). Possuir uma foto de um líder religioso, de um deus, seja ela física ou virtual dá a sensação de vivacidade. “[...] a fotografia não substitui, não preenche. Apenas evoca e suscita, movimenta as emoções em sentido exterior, ativa um complexo de sensações vividas, mas lhe falta presença.” (OLIVEIRA;SANTOS, 2009, p.11).

Imagens têm o propósito de lhe representar o mundo. Mas, ao fazê-lo, entropõem-se entre o mundo e o homem. Seu propósito é serem mapas no mundo, mas passam a ser biombos. O homem, ao invés de se servir das imagens em função do mundo, passa a viver em função de imagens. Não

mais decifra as cenas da imagem como significados do mundo, mas o próprio mundo vai sendo vivenciado como um conjunto de cenas (FLUSSER, 2005, p. 23)

O poder da imagem é tão forte que é possível se perder na imagem acaba ser absorvido a ela. A imagem “induz a consciência a pensar além de si mesma” (KUGLER, 2002, p.95). Ela é fonte de sentimentos bons ou ruins, traz memórias do passado, experiências, é o meio do ser humano controlar o tempo. A imagem é manipuladora, essa manipulação pode ser “inconsciente, consciente e inclusive conscientemente subversiva” (CANDIOTTO, 2014, p. 56).

No Movimento Hare Krishna Vrinda a fotografia ocupa um espaço peculiar. Além das imagens técnicas dos gurus, há as imagens tradicionais das divindades. Por todo o templo é possível notar imagens de Krishna em diversas formas e atividades. E cada imagem tem uma história na tradição vaishnava e é praticamente uma ilustração ao texto sagrado, como é notório no caso de Krishna com as gopis (devotas) que remete à escritura Srimad Bhagavatam.



*Figura 3 Imagens tradicionais (Krishna, Rama) e imagens tradicionais (os gurus) no Templo Vrinda
Aclimação*

A imagem na religião tem dois caracteres, segundo Peter Burke, há o caráter doutrinador e também a imagem de devoção. A imagem de devoção ilustra a crença de maneira visual para que haja adoração. Como colocado anteriormente, para Burke as imagens eram por si mesmas agentes de milagres, objetos de culto (2004, p.62). “Fiéis faziam longas peregrinações para ver imagens, reverenciavam, ajoelhavam-se diante delas,

beijavam-lhes e lhes pediam favores” (BURKE, 2004, p.62). E todo esse culto das imagens não foi apenas no catolicismo medieval, mas em quase toda a tradição religiosa.

“Em todas as épocas, aqueles que governaram os povos sempre utilizaram pinturas e estátuas, para melhor inspirar as pessoas com os sentimentos que lhes desejavam” (BURKE, 2004, p.73) Toda imagem, ou texto, tem um fim. Expressa alguma ideia, dogma ou opinião, logo há manipulação do seu autor. “Toda imagem é portadora do pensamento de seu autor e principalmente da cultura.” (ENTLER, 2012, p.133). No Movimento Hare Krishna Vrinda esse caráter se encontra, pois os ícones transmitem essa devoção e também tradição religiosa, que é a doutrina do movimento.



Figura 4 Devoção às imagens dos gurus

Flusser diz que há uma crise nos textos, a textolatria, e que a imagem técnica vem salvar o texto dessa crise. Outrora a imagem tradicional foi salva pelo texto, pois havia a idolatria. E para que houvesse o equilíbrio a imagem técnica foi criada para ultrapassar os textos. Os novos movimentos religiosos entenderam isso e por isso investem nas imagens (fotografias, gráficas, tradicionais etc). A imagem supera o texto sagrado, pois o ilustra. A sociedade atual está programada para ler imagens e não mais textos.

As imagens trazem a magia aos textos. A ilustração. Nas religiões isso não é diferente. As fotografias são a ilustração dos rituais, que são a concretização da crença e textos sagrados. “A imagem técnica é a meta de todo o ato, este deixa de ser histórico, passando a ser um ritual de magia” (FLUSSER, 2005, p. 35).

O que significaria as imagens fotográficas de rituais instituídos nas religiões? Qual seria sua função? Seu poder e influência? Para Susan Sontag a fotografia “é um rito social, [...], um instrumento de poder.” (1986, p.4).

A sacralidade do rito é transmitida para a fotografia, que se torna um objeto sagrado. A fotografia na religião atinge a meta proposta por Flusser, de ser fonte de conhecimento (doutrina), vivência (rito) e modelo de comportamento (religiosidade). (FLUSSER, 2005, p. 35). Nas redes sociais do Movimento Hare Krishna Vrinda é encontrado muitas fotografias de rituais e cerimônias realizadas pelo templo. Em todo festival há algum devoto fotografando cada momento do evento, seja ele no templo, rua, parque etc. Fotografar o ritual é afirmar o conhecimento que consta nas escrituras sagradas, obedecer a vivência e divulgar e seguir esse modelo de comportamento. Relembrando o conceito de fenômeno religioso de Durkheim:

Mas o aspecto característico do fenômeno religioso é o fato de que ele pressupõe uma divisão bipartida do universo conhecido e conhecível em dois gêneros que compreendem tudo o que existe, mas que se excluem radicalmente. As coisas sagradas são aquelas que os interditos protegem e isolam; as coisas profanas, aquelas às quais esses interditos se aplicam e que devem permanecer à distância das primeiras. As crenças religiosas são representações que exprimem a natureza das coisas sagradas que essas mantêm entre si e com as coisas profanas. Enfim, os ritos são regras de comportamento que prescrevem como o homem deve se comportar com as coisas sagradas (DURKHEIM, 1989, p. 72).

Além do ato fotográfico, há a fotografia no templo religioso. Alvo de adoração, devoção e comoção, assim são as fotografias religiosas e devocionais. “Imagens têm sido utilizadas com frequência como um meio de doutrinação, como objetos de culto, como estímulos a meditação e como armas em controvérsias.” (BURKE, 2004, p. 58)

Não existem fotografias que não sejam portadoras de um conteúdo humano e consequentemente, que não sejam antropológicas à sua maneira. Toda a fotografia é um olhar sobre o mundo, levado pela intencionalidade de uma pessoa, que destina sua mensagem visível a um outro olhar, procurando dar significação a este mundo (SAMAIN, 1994, p.41).



Figura 5 Fotografias do Guru Maharaj pelo templo

Sempre uma fotografia irá manipular seu espectador, pois o fotógrafo manipula a fotografia. Fotografia religiosa, de rituais, ou qualquer festividade, a imagem sempre irá comunicar alguma mensagem, pois a fotografia é uma linguagem religiosa.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fotografar é um ritual sagrado das religiões do século XXI. Fotógrafos religiosos (profissionais ou amadores) que relatam os ritos, a sacralidade, o divino, estão cada vez mais comuns nos dias de hoje. Há um campo riquíssimo sobre a fotografia nas religiões da atualidade. Esse artigo é a ponta de um iceberg gigantesco e profundo.

“Em fotografia não é nada razoável afirmar nada de definitivo, visto que, por sua própria essência, o registro fotográfico se mantém em uma fronteira de paradoxos e dicotomias. É luz e sombra. Rito de vida e de morte. Imagem para lembrar ou para esquecer.” (OLIVEIRA, 2015, p. 232)

A imagem é uma linguagem da atualidade. E o advento da tecnologia potencializou o poder da imagem através das mídias sociais. Ao colocar as imagens religiosas e sagradas nas mídias o Movimento Hare Krishna Vrinda tem se colocado no mercado religioso, fazendo uma “publicidade” assim como outras religiões, como as igrejas pentecostais, que tem esse costume de alimentar as mídias sociais para atrair novos adeptos através de uma linguagem jovem.

O mercado religioso é uma metáfora atual proposta por Berger (1985, p.159) sobre como a sociedade contemporânea lida com a religião. A religião torna-se uma

“marca” que deve satisfazer seu “cliente” e suas “necessidades”, portanto, há uma competição de mercado, assim como no grande sistema capitalista.

Esse “consumidor” do produto religião tem um livre mercado para escolher qual produto lhe apraz e lhe satisfaz de maneira completa, não tendo assim nenhum vínculo permanente com nenhuma instituição fixa. Assim, deve haver um forte marketing nas religiões para que elas se fixem no topo do ranking de “religiões consumidas”. Isso gera uma certa padronização e um forte sincretismo entre elas, pois hoje quem está no controle das religiões é o consumidor delas, o “cliente”. “Na medida em que as “necessidades religiosas” de certas camadas de clientes ou de clientes em potenciais, são semelhantes, as instituições religiosas, ao atender a essas “necessidades”, tenderão a padronizar seus produtos de acordo com elas” (BERGER, 1985, p.159). E a imagem fotográfica é um novo produto desse mercado religioso. É uma comunicação que é além das palavras, que vende um estilo de vida religioso feliz e sem problemas, assim como é o fenômeno das mídias sociais.

Além disso, a Imagem fotográfica possui três grande poderes como foi visto no decorrer do artigo. E por isso pode-se dizer que a imagem fotográfica é transcendental. Transcende o tempo, espaço, vida, morte, o invisível, o visível, para que a arte seja exaltada e que as emoções se percam na decodificação das mesmas.

Referências Bibliográficas

ADAMI, Vítor Hugo da Silva. O movimento Hare Krishna em trânsito: As migrações simbólicas e cognitivas dos devotos de Krishna. SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE RELIGIOSIDADES, DIÁLOGOS CULTURAIS E HIBRIDAÇÕES, 3., 2009. Anais...Campo Grande (MS).

_____. Intransigências E Concessões De Um Hinduismo Ocidentalizado: Um Estudo Etnográfico Sobre O Movimento Hare Krishna. Dissertação de mestrado: PUC-RS, 2005.

ARMSTRONG, Karen. Em defesa de Deus: o que a religião realmente significa. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

BERGER, P. O Dossel sagrado. Elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 1985.

BURKE, Peter. Testemunha Ocular. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

CERFAUX, Mons. L. O Tesouro das Parábolas . II Edição. Edições Paulinas. São Paulo. 1974

CANDIOTTO, Bruno. Monstr. entre monstros e aparelhos, 2014. Dissertação de mestrado: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2014. Disponível em

http://tede.mackenzie.com.br/tde_arquivos/6/TDE-2014-11-12T201334Z-2072/Publico/Bruno%20Ferres%20Candiotto.pdf> Acesso em <15 de out de 2015>.

COBRA, Cristiane Moreira – Nova Gokula: uma escolha racional para os devotos de Krishna no Brasil. Último andar, São Paulo, SP, n.16, p. 15-26, jun/2007.

DURKHEIM, Émile. As Formas Elementares de Vida Religiosa. São Paulo: Paulinas, 1989.

ENTLER, RONALDO. Um pensamento da lacunas, sobreposições e silêncio. SAMAIN, E. (Org.). Como pensam as imagens. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

FILHO, Milton Chamarelli. Fotografia, Percepção e Subjetividade. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 25, 2002, Salvador... Anais: Salvador, INTERCOM, 2002. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/congresso2002_anais/2002_np15chamarelli.pdf> Acesso em <20 de out de 2015>.

FARTHING, Stephen. Tudo sobre arte - Os movimentos e as obras mais importantes de todos os tempos. Trad: Paulo Polzonoff Jr. et. al. Rio de Janeiro: Sextante, 2011.

FEININGER, Andreas. Uma filosofia da fotografia, 1993. Disponível em <http://www.museusegall.org.br/pdfs/texto_Andreas_Feiningner.pdf> Acesso em <20 de out de 2015>

FLUSSER, Vilém. Filosofia da Caixa Preta. São Paulo, SP: Annablume, 2011.

KUGLER, Paul. Imagem psíquica: uma ponte entre o sujeito e o objeto. In: YOUNGEISENDRATH, Polly; DAWSON, Terence. Manual de Cambridge para estudos Junguianos. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 85-97.

MANZATO, Fabiana. Arte Rupestre: potencialidade e conservação em sítios turísticos. Disponível em <<http://www.uniesp.edu.br/revista/revista4/publi-art2.php?codigo=9>> Acesso em: <01 de jun. de 2015>

OLIVEIRA, Michel de. A dicotomia fotográfica: imagens para lembrar, imagens para esquecer. In: BONI, Paulo Cesar (Org.) A fotografia na academia: de formadora de imaginários coletivos a fonte de pesquisa. Londrina: Midiograf, 2015. p. 213-234

_____.; SANTOS, Ana Carolina Lima. Saudades eternas: a fotografia de cemitério como culto à memória daqueles que já se foram. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 32, 2009, Curitiba... Anais: Curitiba: INTERCOM, 2009. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-2249-1.pdf>> Acesso em: <13 de out de 2015>

SAMAIN, Etienne. Para que a antropologia consiga tornar-se visual. In Brasil. Comunicação, Cultura Política (org. Antonio Fausto Neto; J. L. Braga e Sérgio Dayrell Porto), Rio de Janeiro (Diadorim Editorial Ltda), 1994.

SCHMITT, Jean-Claude. O corpo das imagens: ensaios sobre a cultura visual na Idade Média. Tradução de José Rivair Macedo. Bauru-SP: Edusc, 2007.

GUERRIERO, Silas. ISCKON no Brasil: Transformação ocidental de uma religião védica e incorporação de seus traços culturais na sociedade abrangente. ENCONTRO ANUAL -GT16 - Religião e sociedade, 23, 1999. Anais... Caxambu (MG).

_____. O Movimento Hare Krishna no Brasil: uma interpretação da cultura védica na sociedade ocidental. REVER: PUC-SP. Disponível em <http://www.pucsp.br/rever/rv1_2001/t_querri.htm> Data de Acesso: 19 de abr. 2014

_____. Há algo novo no campo das religiões: Os novos movimentos religiosos. In SILVA, E., BELLOTTI, K., CAMPOS, L. (orgs). Religião e sociedade na América Latina. São Bernardo do Campo: Editora UESP, 2010.

SHUSTERMAN, Richard. Arte e Religião. Tradução: Inês Lacerda Araújo. Revista Redescrições – Revista on line do GT de Pragmatismo Ano 3, Número 3, 2012. Disponível em <http://www.gtpragmatismo.com.br/redescricoes/redescricoes/ano3_03/trad.pdf> Acesso em <12 de out de 2015>

SMITH, D. Mantra em Concise Encyclopedia of Language and Religion. John F. A. Sawyer (ed.). New York: Elsevier, 2001, p. 262-4.

SONTAG, Susan. Sobre fotografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____: Ensaio sobre fotografia: Na caverna de Platão. Coleção Arte e Sociedade: nº5, Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1986. Disponível em <http://documenta_pdf.jmir.dyndns.org/Sontag-1_Caverna_Platao.pdf> Acesso em <20 de out de 2015>

TURNER, Victor. O processo ritual: estrutura e antiestrutura. Petrópolis: Vozes LTDA, 1974.

WOLFF, Francis. Por trás do espetáculo: o poder das imagens. In: NOVAES, Adauto (org.). Muito além do espetáculo. São Paulo: Editora Senac, 2005, p. 16-45.

Contato: angelicatostes@gmail.com e suzana.coutinho@mackenzie.br